

Memorial da Inclusão discute os desafios da mulher com deficiência



Sexualidade, trabalho, acessibilidade e cotidiano foram os quatro temas principais de um debate promovido pelo Memorial da Inclusão no Dia Internacional da Mulher. Convidadas: quatro mulheres com deficiência. Elas falaram sobre os desafios que enfrentam no dia a dia. Gabrielle Carvalho, bibliotecária do próprio Memorial da Inclusão, contou como seus pais lidaram com a deficiência dela durante a infância: “Eu tive uma paralisia cerebral na hora do parto. Fui a primeira pessoa com deficiência na família. Minha mãe agiu sempre com muito protecionismo, enquanto meu pai optou pela negação da minha deficiência”, lembra.

FOTOS: PAULO CÉSAR DA SILVA



Mulheres relataram suas experiências, dificuldades e desafios enfrentados no dia a dia

Quatro mulheres falam sobre cotidiano, sexualidade, trabalho e acessibilidade. E relatam as dificuldades de serem aceitas pela sociedade na sua integralidade

Quando criança, sua mãe preferia carregá-la no colo. Ganhou sua primeira cadeira de rodas apenas quando entrou na escola, graças à doação dos outros alunos. A escola não era acessível e não tinha banheiro adaptado. “Eu dependia da ajuda dos meninos, que me levavam até a sala de aula, e das meninas, que me ajudavam no banheiro”, diz Gabrielle.

A bibliotecária, que atualmente desenvolve o projeto de constituição do acervo sobre o movimento social da pessoa com deficiência no Memorial da Inclusão, conta que a

mudança começou quando foi trabalhar no local, pois passou a ter contato com outras pessoas com deficiência. “Antes eu achava que tinha de vencer todos os obstáculos. Recentemente aprendi a lutar pelos meus direitos para que a sociedade forneça os recursos de que preciso”, explica.

“Três anos após acabar a faculdade (Biblioteconomia na Universidade de São Paulo), entrei no Memorial. Foi somente aí que comecei a me reconhecer como mulher com deficiência. A gente ainda é olhada como coitadinha ou como heroína, aquela que venceu tudo”, completa Gabrielle.

Dificuldades – Roseli Behaker Garcia, atriz, consultora de arte acessível e analista de recursos humanos no Instituto Presbiteriano Mackenzie, fez questão de homenagear as mulheres que lutaram pelos direitos das pessoas com deficiência, citando, entre elas, Dorina Nowill. “O senso comum para nós é a trajetória de luta. A mulher com deficiência ainda precisa reivindicar muitos direitos. Ser mulher

com deficiência é ser duplamente discriminada”, ressalta.

Para Roseli, que possui deficiência visual desde o nascimento, as pessoas ainda não sabem como lidar com deficiência: “Quando entro em uma loja de acessórios, por exemplo, a vendedora não sabe como me atender. Os vendedores não sabem como falar das roupas, cores e brilho. Cada pessoa é de um jeito e eu adoro brilho. É a minha identidade. Cada um tem seus gostos, preferências. Temos de desmistificar isto, sem receio ou grosseria, mas com verdade. É com as diferenças que podemos descobrir como estabelecer a igualdade”.

De acordo com Roseli, compartilhar experiências é o caminho. E cita ações que ainda precisam ser desenvolvidas, como, por exemplo, um curso de culinária para pessoas com deficiência e identificação para deficientes visuais em comidas: “A lata de ervilha é igualzinha à de milho”, reclama.

Superação – A artista plástica Pérola Ventura contou que, no dia 8 de março de 1992, subiu ao palco do Vale Anhangabaú e discursou para o público que prestigiava a celebração do Dia Internacional da Mulher. “As pessoas têm preconceito em relação às mulheres surdas, cegas, com deficiências físicas ou mentais. Precisamos mudar isso”, afirmou na ocasião.

Disse ainda não saber se já nasceu com deficiência auditiva. Aprendeu a falar com cinco anos, com ajuda de um professor italiano. Os pais insistiram para que aprendesse a tocar piano e, assim, passou a distinguir

os sons graves e agudos. Aprendeu Libras já adulta com uma amiga: “Antes a gente se comunicava com sinais que nós mesmos criávamos”. E o mais importante: “Meus pais nunca tiveram vergonha de mim”.

Apesar do apoio dos pais, quando decidiu que iria tirar carteira de habilitação, Pérola recebeu uma negativa. “Minha mãe disse que eu não poderia dirigir porque, se outro motorista buzinasse, eu não iria ouvir. Fui lá e fiz tudo escondida. Passei nos testes e consegui a habilitação. Meu marido emprestou o carro. Parei na porta da casa deles e buzinei muito”, diverte-se.

Sexualidade – Sexualidade da mulher com deficiência, outro tema para as convidadas. “Ainda acho estranho lidar com certas situações. A gente até que é paquerada, mas na hora do ‘vamos ver’ tem vários obstáculos”, brinca Gabrielle, para quem a sociedade ainda é muito machista: “Se a mulher paga a conta, ainda tem preconceito. Se a mulher tiver deficiência, então fica pior”.

“É como se a pessoa com deficiência não tivesse gênero”, afirma Ivone de Oliveira, palestrante, militante pela diversidade sexual e autora do Blog Gata de Rodas, onde compartilha suas experiências e debate o preconceito que sofrem as pessoas com deficiência, as mulheres, os negros, os homossexuais e os índios. “Eu costumo dizer que, enquanto o público LGBT luta por cada letrelinha da sigla, quem tem deficiência física luta para ser visto como homem ou mulher. Sou mulher em uma cadeira de rodas e bissexual. São três obstáculos que tenho de enfrentar o tempo todo”, diz Ivone.

Os pais, bastante protetores, não conversaram com Ivone em relação às questões sexuais. “Na infância, meus pais orientaram minha irmã – que não tem deficiência – para que não corresse nenhum risco de abuso. Para mim não falaram nada, porque na cabeça deles ninguém faria mal a um anjinho como eu. Está errado. As crianças precisam saber. Acontece”, alerta.

Ainda na infância, Ivone relembra um episódio em que a irmã ganhou um par de sapatos e ela também pediu um ao pai: “Ele me perguntou por que eu iria querer um sapato, se não ando. Até agora sou louca por sapatos. Compro um monte. Quanto mais alto, melhor”.

Regina Amábile
Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial



Pérola, artista plástica



Gabrielle: Protecionismo



Roseli: Duplamente discriminada

Aula vira debate na Faculdade de Saúde Pública da USP

Também na Faculdade de Saúde Pública (FSP) da USP o Dia Internacional da Mulher foi assunto para debate. As professoras Cristiane Cabral e Simone Diniz resolveram estender o alcance da primeira aula da disciplina de graduação Gênero, Raça/etnia, Sexualidades e Saúde Pública para permitir que novos alunos da faculdade, funcionários da USP e a comunidade em geral partilhassem da reflexão sobre a atual situação da mulher.

“A proposta é pensar sobre como o feminismo pauta a política pública em geral, especialmente a política de saúde”, destacou Simone Diniz. Para balizar o debate, as realizadoras exibiram o documentário lançado nos EUA em 2014, *She's Beautiful When She's Angry* (“Ela fica linda quando está com raiva”, em tradução livre), dirigido por Mary Done. O filme conta a história do movimento feminista nos Estados Unidos de 1966 a 1971, por meio de depoimentos

GENIVALDO CARVALHO



Dia Internacional da Mulher foi assunto de aula aberta na FSP

das principais ativistas e de imagens da época, e apresenta um retrato da luta das mulheres por direitos relacionados a temas como contracepção, violência, estupro, poli-

tica de creche, igualdade de condições profissionais, entre outros.

“É muito difícil entender agora como era antes do movimento feminista”, declara

uma das entrevistadas do documentário. “A mulher não podia escolher o momento de ter um filho. Se fosse estuprada, ninguém acreditava”, ressalta outra.

Uma das principais conclusões, no final, foi de que a luta das mulheres por direitos é uma necessidade permanente e que nem avanços em termos de legislação garantem as conquistas. Para Simone, a discussão dos direitos das mulheres no âmbito da universidade, além de motivar a produção de conhecimento, é também uma forma de impulsionar ações públicas. E cita como exemplo a recente decisão do STF (Superior Tribunal Federal), que concede direito ao regime domiciliar para grávidas e mães de crianças com prisão preventiva decretada.

Simone de Marco
Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial